



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**A DITADURA DO CORPO PERFEITO: UM ESTUDO DAS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE CORPO A PARTIR DE UMA OFICINA
PEDAGÓGICA**

Seris de Oliveira Matos Pegoraro¹
Deisi Sangoi Freitas²

RESUMO

Nas escolas, o corpo humano geralmente é tratado de forma fragmentada e puramente biológico. O livro didático traz o corpo descontextualizado, não discutindo as relações de poder às quais está submetido. Buscando estratégias para mapear e problematizar as representações sobre corpo produzidas por diferentes práticas sociais, elaboramos a oficina “A ditadura do corpo perfeito” que discute o papel da cultura e da linguagem na constituição do ideal de corpo perfeito em voga na sociedade. Através da implementação da oficina, evidenciamos representações sociais de um corpo universal nos moldes europeus, de um corpo belo ideal e representações de masculinidade e feminilidade.

Palavras-chaves: corpo; oficinas; representações sociais.

*THE DICTATORSHIP OF A PERFECT BODY: A STUDY OF SOCIAL REPRESENTATIONS
ABOUT THE BODY THROUGH EDUCATIONAL WORKSHO*

ABSTRACT

In schools, the human body is usually treated in a fragmented and purely biological. The textbook brings the body outside the social context not discussing the power relations that are submitted. Seeking strategies to map and discuss the representations of body produced by different social practices, we developed the workshop "The dictatorship of the perfect body" which discusses the role of culture and language in the constitution of the ideal of the perfect body in society. Through the workshop, we noted social representations of a universal body in the European molds, a beautiful body ideal and representations of masculinity and femininity.

Key words: body; workshops; social representations.

*LA DICTADURA DEL CUERPO PERFECTO: UN ESTUDIO DE LAS REPRESENTACIONES
SOCIALES SOBRE EL CUERPO DE UN TALLER EDUCATIVO*

¹ Mestre em Educação – Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

² Doutora em Educação – Professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**A DITADURA DO CORPO PERFEITO: UM ESTUDO DAS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE CORPO A PARTIR DE UMA OFICINA
PEDAGÓGICA**

RESUMEN

En las escuelas, el cuerpo humano se trata generalmente de una manera fragmentada y puramente biológica. El libro de texto hace que el cuerpo fuera de contexto, no examinar las relaciones de poder que se presente. A través de estrategias para analizar las representaciones del cuerpo producidas por las diferentes prácticas sociales, se desarrolló el taller "La dictadura del cuerpo perfecto", que analiza el papel de la cultura y el lenguaje en la constitución del ideal del cuerpo en la sociedad. En la ejecución del taller, se muestran las representaciones sociales de un cuerpo universal en la forma europea, de un ideal hermoso cuerpo y de la masculinidad y la feminidad.

Palabras clave: cuerpo; talleres; representaciones sociales.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da Ciência, o conhecimento do corpo humano está relacionado com a separação e análise de partes anatômicas e sistemas fisiológicos, implicando na forte tradição curricular existente nas escolas de fragmentar o corpo para estudá-lo e de tratá-lo como puramente biológico.

O corpo é tratado nos livros didáticos como “uma casa, dividida em compartimentos que seriam os sistemas”, “uma máquina que precisa de combustível para funcionar como as demais máquinas mecânicas”, e é apresentado de forma desconectada da cultura. Nesses casos, o corpo é como um objeto de manipulação dos cientistas, parecendo ser algo externo a esses sujeitos que o manipulam (MACEDO, 2005).

Além disso, ao ser priorizado apenas o conhecimento científico, o corpo tem sido considerado na escola como um organismo atemporal e universal (SOUZA, 2001; 2005). Assim, em relação à etapa da adolescência, frequentemente, as características universais sobre o corpo que esses livros trazem, acabam por funcionar como marcadores de uma fase também universal (que deve ser vivida e sentida da mesma forma por todos os jovens), faltando espaço para abordagens de seus corpos como dotados de comportamentos, pertencimentos e sentimentos particulares.

Silva (2005) acrescenta que, pelo ensino de ciências, se corporificam identidades e diferenças marcadas pelo gênero, etnias, idade, geração, entre outras, na medida em que muitas



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**A DITADURA DO CORPO PERFEITO: UM ESTUDO DAS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE CORPO A PARTIR DE UMA OFICINA
PEDAGÓGICA**

vozes são silenciadas, muitos saberes são desqualificados, muitos corpos são ignorados. Essa constatação significa que é imprescindível perguntarmo-nos sobre que efeitos tais modos de ensinar têm na constituição dos sujeitos, já que as decisões curriculares não são neutras e também atuam na constituição de representações sociais.

O corpo na escola vem sendo inscrito por discursos científicos, que ao constituírem um corpo específico, definem, por exemplo, modelos de ser homem e mulher. Para Macedo (2005, p. 138), “ao ressaltar nossa condição de humanos, universalmente idênticos, os currículos de ciências buscam fixar uma identidade que tem na dimensão biológica do corpo seu principal elemento”.

Goellner (2005) exemplifica essas afirmações, quando discorre sobre as diferenças entre homens e mulheres que historicamente são atribuídas às características biológicas. Segundo essa autora, por muito tempo as atividades corporais e esportivas não se recomendavam às mulheres, porque poderiam ser prejudiciais à natureza de seu sexo mais frágil que o masculino; tais proibições centradas na fragilidade dos órgãos reprodutivos que deveriam ser preservados para uma futura maternidade sadia, acabavam por conferir distintos lugares sociais para homens e mulheres: o lar (espaço privado e reservado) passou a ser de domínio da mulher e ao homem conferiu-se uma maior liberdade, para trabalhar, sair de casa, exercer diversas práticas corporais.

Da mesma forma, características biológicas, como o tamanho do cérebro, por exemplo, por vezes justificou o nível de inteligência dos sujeitos; a aparência do rosto (cor da pele e dos cabelos) identificava a aptidão de alguns para o trabalho manual e os traços do rosto, o tamanho das mãos ou do crânio poderia classificar os comportamentos e possibilitar a identificação dos “loucos”, “criminosos”, “tarados” e “agitadores políticos” (GOELLNER, 2005).

Isso nos remete a refletir sobre os discursos que são historicamente criados em relação ao corpo e instituídos como verdades mediante efeitos de poder. Nas nossas sociedades, “a verdade é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem” (FOUCAULT, 1998, p. 13), os discursos da ciência sobre o corpo são acolhidos facilmente e acabam funcionando como regimes de verdade.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**A DITADURA DO CORPO PERFEITO: UM ESTUDO DAS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE CORPO A PARTIR DE UMA OFICINA
PEDAGÓGICA**

A ciência do século XIX, que classificava e analisava o corpo detalhadamente, foi a instância que legitimou uma educação do corpo visando torná-lo útil e produtivo, disciplinado e passível de ser corrigido, tanto em relação à sua anatomia, como em relação aos seus desvios sexuais. Nessa mesma época, é importante lembrarmos da institucionalização da escola obrigatória, que tem grande efeito em relação à disciplina, o controle e a regulação dos corpos.

A crença no progresso, no desenvolvimento e nos avanços da ciência definiram determinadas condutas em relação ao corpo priorizando a eficiência, o auto-controle e o menor desperdício de tempo. Nesse contexto, a escola surge como um espaço privilegiado para atuar na educação dos corpos de crianças e jovens de forma a criar e fortalecer hábitos e valores que pudessem dar suporte à sociedade em construção, ou seja, produzir corpos capazes de expressar as normas da sociedade industrial.

Do mesmo modo, nos dias de hoje, por exemplo, obesidade e flacidez muscular são consideradas indicadores de falta de controle, força de vontade ou de determinação na seleção de executivos em empresas inteiramente determinadas pelas necessidades impostas pela globalização, onde “ser ‘empresário da empresa’ e ser ‘empresário do próprio corpo’ integram o mesmo ideal” (MEYER & SOARES, 2004, p.9).

Todas essas questões precisam de espaço para serem discutidas, o que não acontece com a forma tradicional na qual o corpo humano é trabalhado na escola, faltando lugar para se discutir um corpo também construído pela linguagem, pelos variados discursos da mídia, da igreja, da família, dos livros didáticos e, por que não, pela própria escola.

Nesse sentido, buscamos criar estratégias, como a elaboração de oficinas pedagógicas para trabalhar o corpo na escola como um híbrido, ou seja, um corpo formado tanto da herança biológica como da herança cultural (SANTOS, 1998), que não termina nos limites que a anatomia e a fisiologia lhe impõem.

Já não é mais só biologia (determinismo biológico-essencialismo), não é mais só cultura (determinismo cultural – não-essencialismo): o corpo que se produz aqui é o resultado desta interação; um corpo singular que não se reproduz (não produz cópias idênticas, clones de si)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**A DITADURA DO CORPO PERFEITO: UM ESTUDO DAS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE CORPO A PARTIR DE UMA OFICINA
PEDAGÓGICA**

e, como híbrido, precisa sempre dos dois. Biologia e cultura se hibridizam e constituem um corpo humano. É esta trama que nos constitui (SANTOS, 1998, p. 69).

O trabalho com oficinas pedagógicas foi uma modalidade didática que possibilitou a construção desse espaço diferenciado de problematização do corpo, ao contrariar a lógica de transmissão de conteúdos pelo professor e recepção pelo aluno. Por proporcionar a dialogicidade e permitir a expressão de todos os participantes, as oficinas se configuram como um instrumento para mapear e discutir representações sociais sobre o tema em questão.

Entendemos as representações sociais a partir da compreensão da vertente pós-estruturalista dos Estudos Culturais, em que esta é concebida como resultante da produção de significados pelos discursos e não como um conteúdo que é espelho e/ou reflexo de uma “realidade” que vem antes do discurso que a nomeia (COSTA, 1998).

Nessa lógica, as representações se estabelecem discursivamente, formando significados de acordo com critérios de validade e legitimidade estabelecidos por relações de poder, o que faz com que sejam “mutantes, não fixas, e não expressem, nas suas diferentes configurações, aproximações a um suposto ‘correto’, ‘verdadeiro’, ‘melhor’” (COSTA, 1998, p.41).

ESTRUTURA DAS OFICINAS

A elaboração das oficinas passou por um longo processo de pesquisa dos temas a serem abordados e seleção de materiais a serem utilizados, seguido de organização das atividades que possibilitassem o diálogo e a “livre” expressão e que problematizassem diferentes questões sobre corpo.

As etapas percorridas até considerarmos as oficinas possíveis de serem implementadas em sala de aula se assemelham muito às fases que Corrêa (2000) descreve, a saber: decisão do tema de estudo, reunião de todo o material possível sobre o tema, estudo do tema, desenvolvimento de estratégias para poder dizer sobre o tema.

Além disso, para orientar a elaboração das oficinas, nos inspiramos na metodologia conhecida por Três Momentos Pedagógicos, proposta por Delizoicov e Angotti (1994). A dinâmica



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**A DITADURA DO CORPO PERFEITO: UM ESTUDO DAS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE CORPO A PARTIR DE UMA OFICINA
PEDAGÓGICA**

dos três momentos foi escolhida porque, na nossa compreensão, incorpora orientações significativas das pesquisas da área de Educação em Ciências, no que diz respeito à aprendizagem.

Nessa dinâmica, o primeiro momento conhecido como **Problematização Inicial**, deve estimular a motivação dos alunos e a partir da escuta do que os participantes têm a dizer se inicia a problematização. O segundo momento ou também denominado de **Organização do conhecimento**, caracteriza-se pelo desenvolvimento de atividades que auxiliem o aluno a compreender e partilhar os conhecimentos sistematizados pela Ciência e também outros saberes não reconhecidos como científicos. O terceiro momento ou momento da **Aplicação do conhecimento** é a ocasião da retomada das questões iniciais e da proposição de outros questionamentos ou outras situações-problemas, que possibilitem ao aluno a utilização desses novos conhecimentos desenvolvidos e permitam ao professor uma avaliação da compreensão dos assuntos trabalhados.

Nas oficinas, utilizamos propagandas de revistas, músicas, fragmentos de textos e imagens, abordando os diferentes discursos que circulam acerca do corpo, de forma a identificarmos as representações sociais sobre o tema e, então, discuti-las. Essa forma de trabalho, ao extrapolar os reducionismos curriculares e buscar a relação do corpo com os contextos culturais nos quais nos inserimos permite que enxerguemos o corpo como construído por diversas representações que produzem verdades sobre ele.

As oficinas foram implementadas em turmas de séries finais do Ensino Fundamental, para acadêmicos dos Cursos de Ciências Biológicas e Enfermagem da UFSM e também em forma de mini-cursos em eventos da área da educação, pois consideramos que a reflexão sobre os variados discursos acerca do corpo deve estar presente em todas as fases pelas quais passamos em nossa vida escolar/acadêmica, não sendo, por exemplo, prioridade apenas da 7ª série (considerando o Ensino Fundamental), na qual comumente estuda-se o corpo humano.

Nesse artigo, centramos o foco no desenvolvimento da oficina “A ditadura do corpo perfeito”, na qual realizamos uma discussão sobre o papel da cultura e da linguagem na constituição do ideal de corpo perfeito presente na sociedade.

A DITADURA DO CORPO PERFEITO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**A DITADURA DO CORPO PERFEITO: UM ESTUDO DAS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE CORPO A PARTIR DE UMA OFICINA
PEDAGÓGICA**

Tentar entender como determinados padrões e ideais se constituem e refletir sobre o quanto a estética tem peso no conceito de felicidade nos dias de hoje, foram questões que nos mobilizaram para a criação da oficina “A ditadura do corpo perfeito”.

Pensamos em atividades que fizessem vir à tona as representações dos alunos em relação ao corpo que vem sendo considerado desejável em nossa cultura, através de algumas estratégias que demonstrassem como vêm seus corpos e o dos outros colegas.

A partir disso, a primeira atividade foi definida. Resolvemos que cada participante deveria escolher um papelzinho fechado com o nome de um colega e desenhar esse colega, escrevendo ao lado do desenho três características físicas, sendo que uma era aquilo que achava bonito no outro. Após, a turma teria que adivinhar os colegas desenhados e seriam apresentadas as respectivas características. É importante acrescentar que essa atividade foi imaginada também para que cada um pudesse perceber a imagem que o outro pode ter dele, sendo possível que o colega achasse bonita uma característica que o próprio aluno nem considerava em si (Figura 1).



Figura 1 – Alguns desenhos feitos pelos alunos das escolas

Após a revelação dos desenhos e as possíveis discussões geradas em torno deles, trabalhamos as diversas interpelações da mídia para alcançarmos “medidas perfeitas” - que fazem com que as pessoas busquem os mais variados recursos, sentindo-se insatisfeitas com seus corpos – e suas possíveis influências nos transtornos: anorexia, bulimia e vigorexia. Decidimos então



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

A DITADURA DO CORPO PERFEITO: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE CORPO A PARTIR DE UMA OFICINA PEDAGÓGICA

problematizar essas questões a partir de fichas com imagens e fragmentos de textos que estariam dispostos num varal para os participantes escolherem e comentarem. A Figura 2 mostra alguns materiais utilizados na oficina.

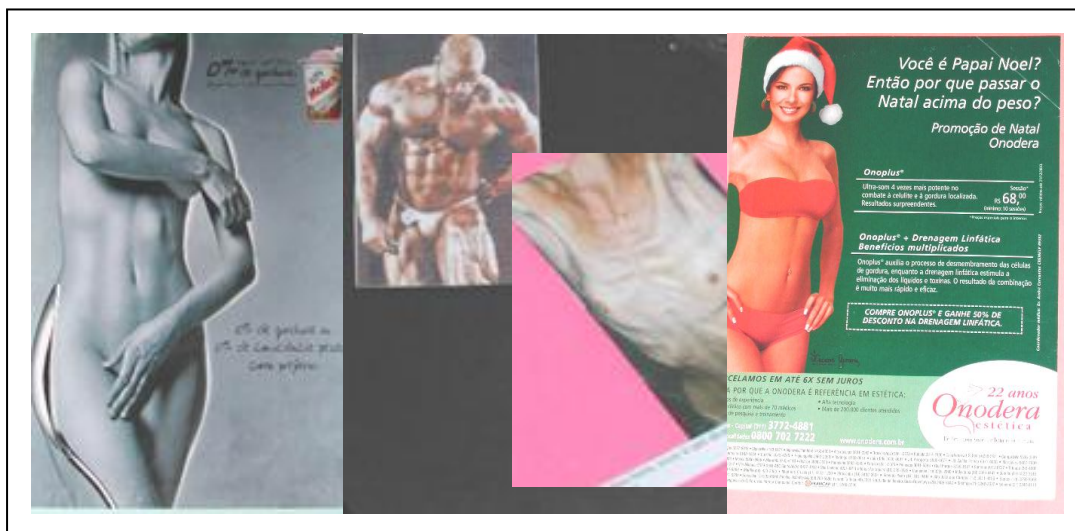


Figura 2 – Materiais utilizados na oficina

Na tentativa de mapear o que os alunos desejavam mudar em seus corpos, o que também nos levaria a identificar as representações que tinham de um corpo bonito, decidimos acrescentar o texto “De fora para dentro” retirado do livro *Adolescentes em diálogo com os pais*, de Gillini e Zattoni (1998) - que conta a história de uma menina que sofre com as mudanças de seu corpo na adolescência e que deseja muito emagrecer – este era lido coletivamente e na seqüência os participantes eram solicitados a falar sobre as modificações que fariam ou não em seus corpos. Pensamos que essa atividade possibilitaria uma discussão sobre seus possíveis complexos e/ou desejos de mudança e acerca do ideal de corpo ao qual eles aspiravam.

Para finalizar, utilizamos a música “Balada do Louco”, de Rita Lee e Arnaldo Baptista, que fala da possibilidade de sermos como desejamos, sem nos importarmos com o julgamento de outras pessoas: “...Dizem que sou louca, por pensar assim, se eu sou muito louca por eu ser feliz, mais louco é quem me diz, e não é feliz, não é feliz...”



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**A DITADURA DO CORPO PERFEITO: UM ESTUDO DAS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE CORPO A PARTIR DE UMA OFICINA
PEDAGÓGICA**

Com relação ao desenvolvimento da primeira atividade da oficina, sempre deixávamos bem claro que era um exercício a ser feito com muita seriedade, sem “ridicularizarem” os colegas. Quanto às características físicas que tinham de apontar dos colegas, foi perceptível o receio dos meninos (em sua maioria) de falarem uma característica física que achavam bonita em outros meninos, saíram perguntas como: “Dá para colocar a côr do cabelo?” (aluno/a da 7ª série).

Analisando os dados das implementações da oficina, percebemos que grande parte dos meninos indicou o cabelo como a característica mais bonita do outro, as meninas já se permitiam considerar os olhos, o sorriso, as mãos. Essas escolhas estão ligadas àquelas representações de masculinidade e feminilidade construídas culturalmente, as quais em relação aos homens, os impedem de apreciarem-se uns aos outros, pois indicam como devem se portar para serem percebidos como heterossexuais, “machos”, e “normais”.

Nessa direção, Louro (2005) reforça a idéia de que a instituição escolar norteia suas ações por um padrão de aluno, considerando apenas um modo adequado e normal de ser homem e mulher e concebendo a heterossexualidade como natural e universal, “afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico” (p.44). Os alunos possivelmente por perceberem o risco que enfrentariam ao dizerem determinadas coisas e expressarem-se de certas maneiras, escolhiam quase sempre as mesmas características para apontarem nos colegas e dessa forma, falando conforme o coletivo (a maioria, a norma), sentiam-se mais cômodos, mais protegidos.

Embora fosse uma atividade “semelhante a uma brincadeira”, pudemos notar o grande interesse dos alunos nela e a importância que pareciam dar para tal proposta, eles caprichavam nos desenhos, julgavam-nos e, principalmente, ficavam apreensivos ao ouvirem as características citadas pelos outros, demonstrando muita atenção ao verem como eram representados. Costa (2001) reflete sobre esse poder de narrarmos o outro, de classificá-lo, de descrevê-lo, um poder que nos afeta quando estamos também sendo representados.

A respeito disso, Louro (1999) comenta sobre as diferentes “permissões” que determinados grupos sociais têm para representarem a si mesmos, grupos esses que, por ocuparem as posições



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**A DITADURA DO CORPO PERFEITO: UM ESTUDO DAS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE CORPO A PARTIR DE UMA OFICINA
PEDAGÓGICA**

centrais de gênero, sexualidade, raça, classe, religião, têm historicamente a possibilidade de se representarem e também de representarem os outros. Conforme nos fala Costa (1998, p. 61), “a ‘ordem da razão’ tem sexo, etnia e projeto político-filosófico”, já que os sujeitos da racionalidade ocidental, os arquitetos da modernidade, que instituíram conhecimentos identificados como patrimônio cultural da humanidade, são masculinos, brancos e europeus.

É também importante registrar que, nas escolas onde desenvolvemos a oficina, a maior parte dos meninos, ao desenharem meninas, as consideraram magras. Algumas meninas, em contrapartida, riam e diziam que estavam gordas, e eles rebatiam dizendo que elas “sumiriam” se emagrecessem mais. Na atividade seguinte à leitura do texto (que conta a história da adolescente obcecada pela idéia de emagrecer), os alunos, ao falarem sobre o que queriam mudar em seus corpos, demonstraram muitas representações ligadas ao ideal de beleza vigente na nossa sociedade e que circula na mídia, representações de um corpo “ideal” feminino e de um corpo “ideal” masculino.

Além de emagrecer (várias sabiam “dietas da moda”), muitas meninas queriam ter o cabelo mais liso e os olhos claros. A preocupação em ser reconhecida como bonita e magra pelos homens e por outras mulheres é o que vem assombrando o universo feminino nos dias que correm, e o discurso veiculado nas revistas voltadas para os cuidados com o corpo feminino pode ser considerado um dos produtores dessas representações. Segundo Andrade (2005), que analisa essas revistas, as meninas são interpeladas pelo ideal de corpo saudável, magro e malhado desde crianças, para que aprendam desde cedo a controlarem seus impulsos e anseios e a consumirem determinados produtos que lhes permitam essas formas, assim, “a sombra da obesidade e a idéia de um corpo ‘disforme’ parecem pesar tanto quanto a consciência daquela/e que come” (p.112). Abaixo algumas falas que demonstram as modificações às quais elas aspiram:

“Que meus cabelos fossem menos volumosos, **emagrecer** dois quilos, **mudar a cor do cabelo** e ter **cabelos lisos**” (aluna da 6ª série).

“Eu mudaria os **olhos**, colocaria **azuis**” (aluna da 7ª série)

“Eu mudaria quase todo o meu corpo, **emagreceria** uns dez quilos, colocaria uma lente azul, faria uma **tatuagem** no pé, na mão, e **mudaria o cabelo**” (aluna da 7ª série).



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**A DITADURA DO CORPO PERFEITO: UM ESTUDO DAS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE CORPO A PARTIR DE UMA OFICINA
PEDAGÓGICA**

A seguir, a fala de um menino da 5ª série, bem mais gordinho que os demais, exemplifica que não encontramos apenas meninas preocupadas com o peso: “Eu queria **emagrecer para ser mais feliz, e me achar mais magro** e crescer mais para ter a minha vida e **minha família como é hoje e sempre**”.

O comentário “emagrecer para ser mais feliz” revela a representação de que a felicidade está diretamente relacionada com a idéia de um corpo “bonito” e “magro”. As colocações de Santos (1998) de que através da mídia aprendemos que o certo é sermos heterossexuais, bonitos, com aparência jovem e corpo perfeito nos fazem refletir como essas representações hegemônicas vão sendo internalizadas por nós através de dispositivos como a televisão, por exemplo, e de quanto nos tornarmos infelizes caso nossa vida não corresponda a essas exigências.

Quanto ao cabelo mais liso e os olhos claros que foram reverenciados várias vezes, pensamos que indicam a centralidade (na sociedade e nas narrativas escolares) da representação de um corpo universal com características do sujeito europeu e branco (FABRIS, 2001).

Para Santos (1998), as estratégias de branqueamento não se constituem apenas em clarear a pele ou alisar os cabelos, mas principalmente nos modos de se ver em relação aos brancos e de ocupar as posições de sujeito estabelecidas pelas narrativas que colocam o branco no sistema representacional como o “natural”.

A diversidade dos corpos está cada vez mais ausente no currículo escolar, ignora-se o corpo negro, o corpo homossexual, o corpo tatuado, não se discute os outros tantos corpos que estão na escola. Ao não problematizar a construção das representações hegemônicas sobre o corpo, a escola contribui para que sejam estas cada vez mais naturais, difíceis de serem contestadas, e dessa maneira, de acordo com Larrosa (2002), vamos sendo induzidos a nos julgarmos e convidados a uma certa administração, governo e transformação de nossos corpos em relação a essas narrativas centrais; sempre temos o que melhorar, o que desejar e o que consumir para nos tornarmos felizes e aceitos.

Assim, a todo o momento com a idéia de falta, nos tornamos escravos de um corpo que está na nossa imaginação: falta emagrecer, falta reduzir as rugas, ficar livre da celulite e das estrias, falta



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**A DITADURA DO CORPO PERFEITO: UM ESTUDO DAS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE CORPO A PARTIR DE UMA OFICINA
PEDAGÓGICA**

ser mais forte, ter o corpo mais definido. Ser mais forte, por exemplo, está dentro daquela representação de corpo físico ideal masculino, que tem a ver com as representações de masculinidade em que o homem é o ser “corajoso”, o responsável por defender a “fêmea e a prole”, nota-se que ser mais musculoso é o desejo da maioria dos homens, citado várias vezes nas salas de aula em que implementamos a oficina e principalmente pelos alunos mais velhos. Seguem dois exemplos:

“Quero ser mais alto e **mais forte**” (aluno da 7ª série)

“Eu queria emagrecer 5 kg e aumentar a **massa muscular**” (aluno da 8ª série).

Além desses descontentamentos dos alunos com seus corpos, achamos relevante trazer a fala de alguns totalmente insatisfeitos com suas imagens corporais e que se vêem como feios. Esse ver-se, tal como declara Larrosa (2002), converte-se em um julgar-se, quando dispomos de um código de leis em relação às quais nos julgamos, portanto, o aluno converte-se em um caso para si próprio, ou seja, se apresenta para si próprio delimitado, conformando-se à norma. Eis as falas:

“Eu mudaria o meu corpo, meu cabelo porque **não gosto do jeito que sou**” (aluno/a da 7ª série)

“Eu **queria nascer de novo**” (aluno/a da 7ª série)

“Eu mudaria todo o meu corpo, porque **eu me acho feia**” (aluno/a da 7ª série)

A frase da aluna “eu me acho feia” é mais do que um simples “não gostar do próprio corpo”, é, acima de tudo, narrar-se a partir do arquétipo de beleza que vigora na sociedade contemporânea. Santos (1998) ao apresentar os resultados de um trabalho no qual os alunos (trabalhadores metalúrgicos) de um curso de supletivo de primeiro grau noturno falavam o que pensavam sobre seus corpos, analisa a fala de uma aluna que gostaria de trocar seu rosto pelo da atriz Maitê Proença, mulher reconhecidamente bonita:

Ela se acha feia não porque existe *dentro* dela um censor que lhe diz, cada vez que ela se olha no espelho, “fulana, você é feia” (...) é em relação a um determinado discurso sobre a beleza, ou sobre *o quê* ou *quem* é uma mulher bonita (...) que ela se constitui como feia (p. 129).



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**A DITADURA DO CORPO PERFEITO: UM ESTUDO DAS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE CORPO A PARTIR DE UMA OFICINA
PEDAGÓGICA**

Além dessas questões, também é importante destacar que, em relação às implementações realizadas para uma turma de Ciências Biológicas, os acadêmicos fizeram alguns comentários sobre o trabalho com oficinas. Foram destacadas diversas possibilidades que as oficinas criam, como por exemplo: leitura crítica (de imagens e textos), liberdade dos envolvidos expressarem suas opiniões (pois são valorizadas todas as posições e não há um “julgamento” delas como “certas ou erradas”), discussão de algumas “rotulagens” que as pessoas colocam umas nas outras, compartilhamento de problemas, possível melhora na auto-estima, entre outras.

Para Kellner (1995), capacitar os indivíduos a analisarem criticamente a publicidade e outras formas de cultura popular significa favorecer competências emancipatórias que possibilitem aos indivíduos, por vezes, resistirem à manipulação por parte do capitalismo de consumo.

“O que eu achei mais legal é que a oficina **desperta um senso crítico** nos participantes ao prestarmos atenção em coisas que passam batidas no nosso dia-a-dia” (acadêmico/a do Curso de Ciências Biológicas)

“As atividades sobre o assunto me fizeram perceber muitas situações que não tinha me dado conta que, muitas vezes passam despercebidas, e na oficina através da opinião de todos, muitas questões acerca do assunto foram debatidas. Na oficina **todas as opiniões são válidas** e isso é muito legal” (acadêmico/a do Curso de Ciências Biológicas)

Em outras falas, os acadêmicos revelam que a preocupação com o corpo é generalizada, não é só o problema do aluno adolescente, é problema do professor, é problema nosso, em maior ou menor intensidade todos somos afetados.

“A partir dessa temática pode-se desenvolver muitas coisas cotidianas dos adolescentes, por exemplo, **a auto estima, gostar de si mesmo** (acho que só gostamos dos outros quando conseguimos gostar de nós mesmos!)”.

“**Gostei das partes onde falamos de nós mesmos** (última atividade) e dos desenhos e características (início da oficina). Porque ‘**situou’ o assunto, que ocorre com qualquer um!**”.

Infelizmente ainda pouco se discute sobre o corpo em casa e na escola, não que a discussão seja potencialmente eficaz no sentido de nos livrar dessas possíveis preocupações com a beleza, ou nos proteger das redes do capitalismo de consumo, mas talvez ela nos permita outros olhares,



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**A DITADURA DO CORPO PERFEITO: UM ESTUDO DAS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE CORPO A PARTIR DE UMA OFICINA
PEDAGÓGICA**

desconstruir padrões impostos, estranhar determinadas naturalizações e buscar respostas sobre porque existem certas representações sobre corpo e não outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Implementar essa oficina na sala de aula nos proporcionou evidenciar várias representações sociais que são formadas por diversas instâncias (a família, a igreja, a escola, a mídia), no entendimento de que elas são resultantes dos significados construídos por diferentes discursos, ou seja, pela própria linguagem.

A partir desses resultados, destacamos a necessidade de não calarmos em relação às representações centrais (os padrões impostos) que circulam sobre o corpo e trazermos para a sala de aula essas questões, mesmo que não estejam na lista de conteúdos a serem trabalhados no ano letivo. Somente assim não estaremos sendo coniventes com todo o aparato de “normalização” e “regulação” dos corpos em função da qual, mesmo que invisivelmente, nossa ação pedagógica está envolvida.

Assim, conforme preconiza Louro (1999), os educadores precisam saber como se produzem os discursos que instituem diferenças, quais os efeitos que os discursos exercem, quem é marcado como diferente e como currículos e outras instâncias pedagógicas representam os sujeitos, e que possibilidades, destinos e restrições a sociedade lhes atribui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

____. **Política cultural na escola – que fazer na segunda-feira?** In: VEIGA-NETO et al. (Orgs.). **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 9-14.

ANDRADE, S.S. **Mídia impressa e educação de corpos femininos**. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 108-123.

CORRÊA, G.C. **Oficina: novos territórios em Educação**. In PEY, M.O. (Org.). **Pedagogia libertaria: experiências hoje**. São Paulo: Imaginário, 2000. p. 77-162.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**A DITADURA DO CORPO PERFEITO: UM ESTUDO DAS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE CORPO A PARTIR DE UMA OFICINA
PEDAGÓGICA**

- COSTA, M.V. **Currículo e política cultural**. In: COSTA, M.V. (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998, p. 37-68.
- DELIZOICOV, D. e ANGOTTI, J.A. **Metodologia do Ensino de Ciências**. São Paulo: Cortez, 1994.
- FABRIS, E.H. **Não resta dúvida a escola vive em outro tempo e espaço**. In: VEIGA-NETO et al. (Orgs.). **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 91-97.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- GILLINI, G.; ZATTONI, M.T. **Adolescentes em diálogo com os pais**. São Paulo: Paulinas, 1998.
- GOELLNER, S.V. **A produção cultural do corpo**. In: LOURO, G.L., FELIPE, J.; GOELLNER, S.V. (Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 28-40.
- KELLNER, D. **Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna**. In: SILVA, T.T. (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 104 – 131.
- LARROSA, J. **Tecnologias do Eu e Educação**. In: SILVA, T.T. da. (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LEE, R.; BAPTISTA, A. **Balada do louco**. Intérprete: Rita Lee. In: RITA LEE. **Acústica MTV**. [S. L.]: Umvd Import, 2004. 1CD. Faixa 8.
- LOURO, G.L. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 07-34.
- MACEDO, E. **Esse corpo das ciências é o meu?** In: Marandino, M. et. al (Orgs.). **Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa**. Niterói: Eduff, 2005, p. 131-140.
- MEYER, D. E.; SOARES, R. F. **Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão**. In: MEYER, D. E. e SOARES, R. F. (Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 5-16.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**A DITADURA DO CORPO PERFEITO: UM ESTUDO DAS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE CORPO A PARTIR DE UMA OFICINA
PEDAGÓGICA**

SANTOS, L.H.S. **Um olhar caleidoscópico sobre as representações culturais de corpo.** 1998. 207f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

SILVA, E.P.Q. **Quando o corpo é uma (des)construção cultural.** In: Marandino, M. et al. (Org.). **Ensino de biologia: conhecimentos e valores em disputa.** Niterói: Eduff, 2005, p. 141-150.

SOUZA, N.G.S. **O corpo: inscrições do campo biológico e do cotidiano.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v.30, n.1, p. 169-186, jan./jun. 2005.

SOUZA, N.G. S. **Que corpo é esse?** O corpo na família, mídia, escola, saúde...2001. 167f. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em Bioquímica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.